

OLIVEIROS S. FERREIRA

Economia e poder

A Brasil

Não quero entrar na discussão de questões econômicas. Se me metesse por essa trilha cheia de buracos e de cobras, deveria levar comigo um texto antigo, que releio de quando em quando, sobre o que acontecia na China antiga, bem antiga. É de Rousseau, contando que, quando havia agitação em uma província, o Imperador mandava seus enviados verificar o que estava acontecendo, com a instrução de, antes de mais nada, cortar a cabeça do governador. Se as coisas vão mal, é porque o governador da província não soube cuidar da economia política, que é o governo da casa. Pague por isso.

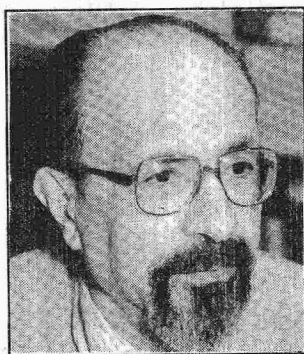
Quem se lembra das questões econômicas é o ministro Kandir, que diz que o déficit da balança comercial deve levar o governo a concentrar esforços na exportação. Não estou sugerindo que o presidente faça como o Imperador da China — afinal, ele é apenas presidente. Simplesmente registro que um ministro deixa escapar que o problema da balança comercial merece consideração.

Depois que o ministro falou de economia política — do governo da casa —, eis-me estatelado na encruzilhada: retomo Antônio Carlos Pereira em seu *Destaque* de ontem sobre o Brasil e a política de poder ou fico na conversa — que o poeta da Vila diria ser de botequim — sobre a preocupação que assalta os pequenos? Não falo do meu amigo administrador de empresas, feirante de profissão, que já nem se preocupa mais com o fato de as pessoas estarem comprando com cheque pré-datado e cartão de crédito. Conformou-se com isso e espera. Hoje, até — ou principalmente? — remédio se compra com 40 dias de prazo. E o farmacêutico, experimentado nos negócios, ainda aconselha: o cheque é melhor do que o cartão, tem 40 dias... Preocupa-me o amigo que tem um estabelecimento — não é assim que se falava nos tempos antigos? — só para trocar óleo de automóveis. Cruzei com ele, dias atrás. Pensa que os jornalistas sabem de tudo. Mas antes que me encurra-

lasse com a pergunta que sempre o preocupa — “para onde vamos?” —, eu me antecipo: “Como vai o negócio?” Os eruditos entenderão se eu disser que ele respondeu como Cambronne ao general inglês que lhe pedira render-se com honra. Para não ofender almas sensíveis, direi que ele respondeu que os negócios iam mal, obrigado.

Eu, que disso nada entendo, retruquei: “Mas não se troca mais o óleo dos automóveis?” Ele me deu uma série de explicações sobre o comportamento das pessoas em época de crise e, juntos, olhamos para as pequenas lojas da rua, que sempre foi comercial e ativa, e resolvemos tomar um café para não falar de coisas sérias.

Como não há coisas sérias a falar sobre a rua comercial, que aos poucos vai ficando triste, cuidemos de poder? O curioso é que poder e Kandir se aproximam. Não porque o déficit da balança comercial continue a existir ainda que o ritmo de crescimento das importações venha caindo, enquanto sobe o das exportações, o que permite um empate antes do infinito, que é onde as paralelas se encontram — na geometria euclidiana, bem entendido. Aproximam-se porque a destinação das exportações tende a acentuar o comér-



■ Oliveira S. Ferreira é jornalista

Enquanto não se troca óleo em automóveis, Mercosul e África são mercados do Brasil

cio Sul-Sul, e o Brasil começa a fornecer mais manufaturados — os economistas gostam de falar em produtos com valor agregado — para o Mercosul e a África. Os mercados europeus, especialmente o inglês, esses esperam que o embaixador Barbosa consiga êxito em seus esforços de longos anos. Balança e poder aproximam-se nisso: quando o Brasil global trader exporta para o Sul, ficará em dúvida hegemônica na América do Sul (se inverter a balança com a Argentina) e na África. O problema é que os centros de Poder, com P maiúsculo, estão, por enquanto, no norte, de onde vêm os capitais de que precisamos para fechar o déficit em contas correntes. A aproximação é difícil de entender? Então, atravessemos a rua na rua comercial que está ficando triste e tomemos um café.